



## DE TUDO... UM POUCO

Crónica de Carlos Alberto Pereira Dias

XVIII

# - Guilhermina Suggia - 1885 / 1950

- A maior violoncelista portuguesa de sempre -

GUILHERMINA SUGGIA, seu nome completo Guilhermina Augusta Xavier de Medim Suggia, nasceu no Porto – Rua Ferreira Borges, freguesia de S. Nicolau, a 27 de Junho de 1885.

Descendente de família nobre, seus pais eram Augusto de Medina Suggia, natural de Lisboa, mas de descendência espanhola-italiana, e Elisa Augusta Xavier de Medim Suggia, também de Lisboa.

Tinha uma irmã única, de nome Virgínia, e ambas, desde muito novas, e por influência do pai, dedicaram-se à música. Virgínia, mais velha três anos, com inclinação para o piano e Guilhermina com vocação para o violoncelo.

Quando Guilhermina tinha 7 anos, seus pais mudaram-se para Matosinhos e é, nesta localidade, que Guilhermina dá o seu primeiro concerto público no Salão da Assembleia de Matosinhos. Acompanhada ao piano pela irmã, a jovem mostrou à plateia todo o seu nato talento, deslumbrando todos os presentes.

As duas irmãs iriam apresentar-se em mais concertos a que, normalmente, assistiam altas personalidades da vida civil e religiosa que apreciavam sobremaneira a música clássica.

Aos onze anos, Guilhermina Suggia foi convidada, conforme nos relata um dos seus biógrafos, a participar, “em todas as temporadas artísticas do Orpheon Portuense como solista, integrando agrupamentos de música de câmara (com ou sem acompanhamento de piano) ou ocupando o lugar de primeiro violoncelo na Orquestra dirigida por Bernardo Valentim Moreira de Sá”.

Havia, naquela altura, sido fundado o “Quarteto Moreira de Sá” de cuja constituição faziam parte o próprio Bernardo Moreira de Sá, como primeiro violino, Guilhermina Suggia, como violoncelista, Henrique Carneiro, segundo violino e ainda Benjamim Gouveia, na viola.

A fama de Guilhermina Suggia começa a espalhar-se pelo país inteiro, e ela e a irmã recebem um convite para tocarem para a

família real, em Lisboa.

A Rainha D. Amélia convida-as a tocarem no Palácio das Necessidades. O êxito foi de tal ordem estrondoso que a Monarca, impressionada com o valor das duas irmãs, além de lhes oferecer como lembrança “duas ricas pulseiras donde pendem dois corações com rubis e diamantes, compromete-se a custear uma bolsa de estudo para que Guilhermina complete e aperfeiçoe os seus estudos no estrangeiro”.

A partir de agora enceta-se novo ciclo de grande sucesso na sua vida. Guilhermina Suggia, despedindo-se do Porto com mais um concerto, parte para Leipzig, na Alemanha, na companhia do pai, e vai ali encontrar um notável violoncelista, de nome Julius Klengel, que será o seu primeiro professor, a sério, de violoncelo. Este ficou encantado com o enorme talento de Suggia e a dedicação que aplica no que faz, a ponto de exclamar: Mlle. Suggia possuindo alta inteligência musical, juntando a uma grande compreensão um completo conhecimento da técnica, tem o direito de ser considerada, no mundo artístico, como uma celebridade”.

Isto era um elogio de tal ordem que definia já a grandeza do talento da nossa compatriota, vindo ele da personalidade musical que o proferira.

Aos 17 anos, em Novembro de 1901, convidada pelo grande mestre a tocar como solista na mais importante sala de concertos da Alemanha e uma das principais do mundo – a Gewandhaus -, Guilhermina, por ser jovem, por ser mulher e por tocar a solo num concerto que se tornou memorável, arrebatou de tal ordem o público alemão que, a partir daí, tornou-se, definitivamente, uma das grandes violoncelistas a nível mundial.

Em finais de Março de 1903, após ter-se celebrizado com mais concertos em algumas das melhores salas alemãs, a nossa compatriota regressa a Portugal, acompanhada do pai.

Nesse ano parte, juntamente com a irmã Virgínia, em digressão pela Europa dando concertos nas principais cidades do Velho

Continente, durante três anos. E, no decorrer desse período, recebeu os mais calorosos elogios das gentes por onde passa. Conhece gente de todos os quadrantes - músicos, compositores, políticos, empresários, famílias reais europeias, etc., e a crítica não poupa elogios aos extraordinários momentos musicais que ela vai apresentando pelas salas onde actua.

Estávamos no ano 1907. Guilhermina fixa residência na Villa Molitor, em Paris, na casa do violoncelista Pablo Casals.

Este grande artista do violoncelo já conhecera Guilhermina em 1898, tinha ela 13 anos, quando aquele esteve a actuar no casino de Espinho. Desde aí nasceu uma forte amizade entre os dois que “virão a ser designados de - ‘duo ibérico’ - as duas referências máximas do violoncelo”.

Na residência de Pablo Casals, Guilhermina tem contacto directo com muitos amigos músicos e compositores, escritores, filósofos e pintores e não perde a oportunidade de aprender e tocar com o que considerou ser “o maior de todos, o que levou a um mais alto nível a técnica do violoncelo, a quem se deve que o violoncelo venha a ocupar o seu lugar, não só ombreando com o violino, mas como primeiro instrumento de arco, e, também, a quem se deve a recuperação de peças... que toca de modo a convencer o mundo da sua beleza”.

Surge, entretanto, o rumor de que Guilhermina Suggia e Pablo Casals haviam contraído matrimónio, o que não correspondia, de todo, à verdade. Suggia simulara apenas um casamento que foi anunciado a todos, mesmos aos pais, e que havia durado cerca de sete anos de vida em comum, chegando mesmo ela a assinar M. me Casals-Suggia.

Ao fim desse tempo o desfecho é a ruptura entre ambos e Guilhermina nunca mais fez referência a Pablo. Por sua vez, este chegou mesmo a declarar que a relação que teve foi “o episódio mais cruelmente infeliz da minha vida” e acusou-a de ser “libertina e desarranjada”.

No ano de 1914, altura exacta em que

rebentou a I Guerra Mundial, Guilhermina, depois de abandonar Casals e Paris, muda-se para Inglaterra, que adoptou como segunda pátria.

Fixou-se na cidade de Londres, onde durante a sua estadia deu vários concertos, tendo tocado com a Royal Philharmonic Society, com a State Symphony Orchestra, com a BBC Symphony Orchestra e a London Symphony Orchestra. Para além disso, os recitais no Royal Albert Hall e no Wigmore Hall foram motivo para a imprensa inglesa lhe tecer os maiores encómios.

“(…)A precisão dos contornos e ritmos em Bach, o charme delicado em Boccherini, o sonho em Hauré – nada mais perfeito poderia imaginar-se”. (Arts Gazette, em 29/11/1919).

Em entrevista, Guilhermina Suggia dirá: “Como artista, sou sempre insatisfeita, buscando a todo o momento atingir a perfeição suprema. Estudo todos os dias – e estudo ainda, como outrora, para aprender o muito que me resta saber. Quando toco em público e sou feliz na minha interpretação, gosto que me aplaudam entusiasticamente, pois antes que o auditório se manifeste eu já me tenho aplaudido a mim próprio, no íntimo contentamento dum sincero prazer espiritual. Eu sou o crítico mais austero do meu trabalho artístico”.

Guilhermina Suggia adaptou-se bem aos hábitos ingleses. De menina prodígio que fora “transforma-se (como escreveu um dos seus biógrafos) numa diva de reputação europeia que convive com a aristocracia britânica e é muito apreciada pelo côrte; adquire o hábito do chá e até um certo humor tipicamente britânico; colecciona tapetes persas e chineses; divide o seu amor pelos cães de companhia, Sandy e Mona; distingue-se pela sua elegância. Exagerando nos vestidos e nas pinturas deixa-se immortalizar por desenhadores e pintores de nome, cujo trabalho mais famoso é, sem dúvida, o quadro do pintor inglês Augustus John”.

(Voltaremos a abordar este tema proximamente)